

A FONOSTILÍSTICA NA GRAMÁTICA EM TEXTOS, DE LEILA LAUAR SARMENTO: BREVES APONTAMENTOS

Rafael Francisco BRAZ
Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN¹
rafaelbrazprof@gmail.com

RESUMO: Apesar de muitas discussões e do surgimento de diversos métodos e abordagens para o ensino de língua portuguesa, observamos que o método tradicional de ensino de língua ainda é recorrente atualmente, especialmente quando se trata do ensino de gramática. Por essa razão, objetivamos investigar os pontos de fonética e fonologia que a *Gramática em Textos* (2012), de Leila Lauar Sarmiento, abarca, principalmente, nas atividades relacionadas à fonostilística. Esta pesquisa se justifica pela necessidade de considerarmos a fonostilística no âmbito dos estudos fonéticos e fonológicos, pois muitas das vezes não é referida em manuais de língua portuguesa e, também, não é estudada em sala devido ao currículo de ensino. Assim, por meio de uma pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico e documental, utilizamos as considerações teóricas de Silva (2021), Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2021), Roberto (2016) e Cagliari (2002), que tratam das definições de fonética e fonologia. No tocante à estilística e à fonostilística, tomamos por base os argumentos críticos de Câmara Júnior (1978), Bueno (1964), Monteiro (1991), Martins (1997), dos gramáticos Azeredo (2008), Bechara (2009) Castilho e Elias (2015). Como resultados alcançados, percebemos que o uso da fonostilística é abordado de forma significativa nas atividades que tratam do tema de fonética.

PALAVRAS-CHAVE: Fonologia. Fonética. Fonostilística. Ensino de Gramática.

THE PHONOSTYLISTICS IN THE GRAMMAR IN TEXTS, BY LEILA LAUAR SARMENTO: BRIEF NOTES

ABSTRACT: Despite many discussions and the emergence of different methods and approaches to teaching portuguese, we observe that the traditional method of language teaching is still recurrent today, especially when we think about teaching Grammar. Therefore, we aim to investigate the phonetics and phonology points that *Gramática em Textos* (2012), de Leila Lauar Sarmiento encompasses, mainly, in her work, in the activities related to phonostylistics. This research is justified by the need to consider the part of phonostylistics in the scope of phonetic and phonological studies, as it is often not mentioned in portuguese language manuals and, also, not studied in the classroom due to the teaching curriculum. Thus, through a qualitative bibliographic and documentary research, we used the theoretical considerations of Silva (2021), Seara, Nunes and Lazzarotto-Volcão (2021), Roberto (2016) and Cagliari (2002) who deal with phonetic definitions and phonology. Regarding the stylist and phonostylistics, we use as a basis the critical arguments of Câmara Júnior (1978), Bueno (1964), Monteiro (1991) Martins (1997) the grammarians Azeredo (2008), Bechara (2009) Castilho and Elias (2015). As results achieved, we realized that the use of phonostylistics is approached significantly in activities that deal with the theme of phonetics.

KEYWORDS: Phonology. Phonetics. Phonostylistics. Teaching Grammar.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

1 PALAVRAS INICIAIS

No âmbito da língua(gem), concebemo-la como sendo uma questão particular de representatividade de um povo, capaz de expressar atos comunicativos pelo(s) interlocutor(es), por meio de um conjunto de signos linguísticos. Dessa forma, essa entidade linguística é considerada um instrumento de comunicação que permite, aos usuários de uma sociedade, a utilização desse recurso para interação no contexto em que se inserem.

Assim, a língua(gem) é o mecanismo que usamos para nos comunicarmos. Por meio desse mecanismo, expressamos nossos conceitos, ideias, sentimentos e informações que são compartilhados em determinado grupo social. Trata-se de um sistema de símbolos que é projetado para a comunicação e o processo de interação, permitindo-nos a possibilidade de flexibilidade e modificação de acordo com as raízes e os atributos sociais.

A língua é o nosso instrumento de comunicação, sendo um veículo de interação social que, por meio da gramática, possibilita que determinado falante produza enunciados para se comunicar e ser compreendido, sendo flexível e adaptável, viabilizando usos verbais que ainda não foram explorados por outros falantes. Quando falamos sobre língua, é importante pontuar que a língua escrita tem mais prestígio do que a falada.

Partindo dessa premissa, entendemos que o estudo dos sons e da cultura em que estamos inseridos contribui muito para que essas transformações na língua ocorram ao longo do tempo, uma vez que ela se refere às variantes do ato de fala que determinam a forma do falar do sujeito. Nesse sentido, os aspectos culturais são acompanhados de transformações sociais da língua, precisando esta ser reinventada e trabalhada de outras maneiras. Com isso, a sociedade adota uma linguagem de aspecto inocente, mas que se reveste de influência.

Portanto, neste artigo, propomos investigar os pontos de fonética e fonologia que a *Gramática em Textos* (2012), de Leila Lauer Sarmiento, abarca, principalmente, nas atividades referentes à fonoestilística. Na obra que será analisada, percebemos que o uso da fonoestilística é abordado de forma significativa nas atividades que se centram na fonética.

A obra *corpus* desta pesquisa tem como objetivo apresentar ao professor e ao aluno uma nova proposta de ensino da língua portuguesa, haja vista uma abordagem mais ampliada a partir dos diferentes gêneros do discurso, pois, conforme Sarmiento (2012, p. 5), “o objetivo é fazer que o usuário da língua portuguesa conheça e empregue com adequação diferentes linguagens, aperfeiçoando seu domínio na comunicação oral e escrita”.

Leila Lauer Sarmiento é licenciada em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais e professora nas redes escolares pública e particular de Belo Horizonte, com mais de 35 anos de dedicação ao ensino de língua portuguesa, com ênfase nas práticas de textualidade, linguística, bem como no estudo da gramática da língua portuguesa e seus usos.

Para atingir o objetivo preestabelecido nesta investigação, tomamos como metodologia a abordagem de cunho qualitativo, pois, de acordo com o que pontuam os autores Prodanov e Freitas (2013), a pesquisa define-se como qualitativa por apresentar uma interpretação dos fatos sociais advindos dos dados gerados e/ou coletados.

Sendo assim, justificamos a pesquisa pelo fato de que, no âmbito dos estudos fonéticos e fonológicos, a fonoestilística, muitas vezes, não é referida em manuais de língua portuguesa e, também, não é estudada em sala devido ao ensino priorizar outros conteúdos curriculares. Desse modo, esta investigação traz à luz a fonoestilística, à qual Sarmiento (2012) faz menção ao introduzir a fonética em sua *Gramática em Textos*.

Para este estudo, lançamos mão dos pressupostos teóricos postulados por Silva (2021), Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2021), Roberto (2016) e Cagliari (2002), que

tratam das definições de fonética e fonologia. No tocante à estilística e à fonoestilística, tomamos por base os argumentos críticos de Câmara Júnior (1978), Bueno (1964), Monteiro (1991), Martins (1997) e dos gramáticos Azeredo (2008), Bechara (2009) e Castilho e Elias (2015).

Além desta seção introdutória, este artigo está dividido em três unidades retóricas, as quais obedecem à seguinte ordem: inicialmente, apresentamos um breve panorama do que seriam os estudos de fonética e fonologia e discutimos sobre a conceituação de como a fonoestilística se apresenta nos estudos fonéticos.

Na seção seguinte, baseamo-nos no *corpus* para discussão e apontamentos de nossa investigação, a partir de uma análise descritivo-interpretativista de como a fonoestilística é trabalhada na *Gramática em Textos* (2012), de Leila Lauar Sarmiento. Por último, apresentamos algumas considerações acerca da análise realizada neste estudo. Finalizando o artigo, estão as referências utilizadas.

2 BREVES CONCEITOS SOBRE FONÉTICA E FONOLOGIA

A língua é o elemento mais importante para uma sociedade se comunicar, se impor, apresentar suas indagações, medos e ideologias, em outras palavras, para a formação de uma cultura, pois é na língua e através dela que demonstramos nosso construto social, político e ideológico, assim, apontando para um imaginário cultural que esta língua forma. Concordamos com o linguista Bagno (2019) quando argumenta que:

Não há remédio: para se falar de uma língua, é preciso construí-la, fabricá-la, forjá-la, dar o nome a ela, atribuir-lhe propriedades, características, personalidades, índole. E esse é um trabalho empreendido não somente pelo linguista, em suas pretensões de objetividade científica, mas também (e talvez sobretudo) pelos falantes comuns. (BAGNO, 2019, p. 190-191).

Sob essa ótica, fica nítido que são os falantes de uma língua que determinam as mudanças e variações que constantemente as transformam, ou seja, os usuários têm o poder de renegar, de abandonar e de ressignificar quaisquer línguas, de modo que construam sua melhor adaptação para comunicação, criando sua própria identidade. Essa construção formada no íntimo de cada indivíduo é chamada filosoficamente de hipóstase.

A hipóstase, no contexto linguístico, acontece à medida que tentamos impor um “modelo de língua ideal”, ou seja, é uma padronização e uma normatização da língua. Antes de qualquer análise a ser feita, é preciso compreender que os falantes de uma língua interagem socialmente e, logo, usam, por meio de sons, as expressões significativas dos seus pensamentos, sentimentos e/ou emoções.

Nessa perspectiva, podemos compreender que os estudos fonéticos são muito antigos enquanto ciência, pois os gregos e os romanos já faziam algumas confusões entre o som e a letra, prevalecendo, muitas vezes, o aspecto gráfico, ou seja, a forma da figura letra. Na Idade Média, ela foi trabalhada pelo uso da grafia gótica, e somente no início da modernidade é que a fonética ganha estudo a partir da produção biológica da linguagem.

Sendo assim, a fonética descreve cada som e posição de articulação fisiológica gerador da fala humana e os órgãos que envolvem esse sistema. Nesse sentido, podemos comungar do pensamento da foneticista Silva (2021), que observa a fonética do ponto de vista articulatorio, com o objetivo de compreender a produção dos sons que utilizamos na fala. A autora afirma, portanto, que a fonética é “[...] a ciência que apresenta os métodos para descrição, classificação e transcrição dos sons da fala, principalmente aqueles sons utilizados na linguagem humana” (SILVA, 2021, p. 23). Cagliari (2002), ao definir a ciência da fonética, pontua que:

A fonética preocupa-se, principalmente, com a descrição dos fatos físicos que caracterizam linguisticamente os sons da fala. Descreve os sons da fala, dizendo quais mecanismos e processos de produção de fala estão

envolvidos em um determinado segmento da cadeia sonora da fala. (CAGLIARI, 2002, p. 17).

Nessa ótica de pensamento, as autoras Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2021, p. 21) argumentam que a fonética é um campo árduo de investigação, já que trata de elementos pouco palpáveis, como a fala, e, a princípio, não parece ser fácil compreender os fenômenos que lhes são relativos. Assim, as autoras concluem que “a fonética está preocupada em descrever articulatoriamente, perceptualmente ou acusticamente as produções que ocorrem de fato” e ainda reforçam que “a fonética está preocupada em descrever e identificar os sons da fala – a produção de fato”. O conceito de fonética, do ponto de vista das gramáticas, pode ser sintetizado da seguinte forma:

Quadro 1: Definição da Fonética à luz das Gramáticas

Autores	Gramática	Conceito
Evanildo Bechara	<i>Moderna Gramática Portuguesa</i>	“Fonética se preocupa tão-somente com a articulação” (2009, p. 57).
José Carlos de Azeredo	<i>Gramática de Houaiss da Língua Portuguesa</i>	“Fonética estuda a substância, a materialidade dos sons vocais. Ela é uma parte da fisiologia ou da física acústica, não se ocupando, portanto, da função linguística ou comunicativa dos sons” (2008, p. 372).
Ataliba T. de Castilho; Vanda Maria Elias	<i>Pequena Gramática do Português Brasileiro</i>	“Fonética estuda os sons concretamente produzidos em nosso aparelho fonador” (2015, p. 47).

Fonte: Elaboração própria dos investigadores desta pesquisa (2022).

Como é possível observar no Quadro 01, os estudos fonéticos têm como foco as descrições dos sons da fala – descrição fonética considerando quem produz, como são transmitidos e, por último, como são percebidos. Dessa forma, para simbolizar, na escrita, a pronúncia de um som, usa-se um alfabeto específico chamado de Alfabeto Fonético. Na representação da fala, os sinais fonéticos são colocados entre colchetes ([]); já a representação ortográfica ocorre entre barras (/).

Portanto, conforme Roberto (2016, p. 16) salienta, cabe à “fonética estudar e descrever os sons produzidos pela linguagem verbal do ser humano”. Por outro lado, cabe à fonologia “o estudo dos fonemas como unidades fonológicas distintivas e abstratas de dada língua” (ROBERTO, 2016, p. 16). Nesse sentido, a fonologia apresenta-se da seguinte maneira para os gramáticos:

Quadro 2: Definição da Fonologia à luz das Gramáticas

Autores	Gramática	Conceito
Evanildo Bechara	<i>Moderna Gramática Portuguesa</i>	“A Fonêmica atenta apenas para o fonema que, reunindo um feixe de traços que o distingue de outro fonema, permite a comunidade linguística” (2009, p. 57).
José Carlos de Azeredo	<i>Gramática de Houaiss da Língua Portuguesa</i>	“O estudo da função linguística, isto é, da estruturação dos sons da fala em um sistema de relações opositivas e combinatórias para a constituição dos signos de uma língua compete à Fonologia” (2008, p. 372).
Ataliba T. de Castilho; Vanda Maria Elias	<i>Pequena Gramática do Português Brasileiro</i>	“A Fonologia estuda os sons com valor distintivo, enquanto unidades abstratas, organizando um dos subsistemas da gramática” (2015, p. 47).

Fonte: Elaboração própria dos investigadores desta pesquisa (2022).

Como é possível verificar no Quadro 02, os conceitos remetem ao estudo da fonologia, a qual está relacionada à enorme variedade de sons de fala que produzimos através do nosso aparelho fonador, e isso ocorre porque a língua passa por variações. Nesse percurso, as autoras Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2021, p. 93) pontuam que “a fonologia é então uma interpretação, restrita a uma língua específica e aos modelos teóricos que a descrevem, daquilo que a Fonética apresenta”.

Com relação ao termo fonologia, a foneticista Thaís Cristófaró Silva não o traz nitidamente, preferindo usar o termo fonêmica, que tem como objetivo “fornecer aos seus usuários o instrumental para a conversão da linguagem oral em código escrito” (SILVA,

2021, p. 118). Por outro lado, Cagliari (2002, p. 18) define que “a fonologia, por sua vez, faz uma interpretação dos resultados apresentados pela Fonética, em função dos sistemas de sons das línguas e dos modelos teóricos que existem para descrevê-los” e acrescenta que:

A Fonética é basicamente descritiva e a Fonologia, interpretativa. A análise fonética baseia-se nos processos de percepção e de produção dos sons. A análise fonológica baseia-se no valor dos sons dentro de uma língua, isto é, na função linguística que eles desempenham nos sistemas de sons das línguas. Enquanto a Fonética descreve o que acontece quando um falante fala, a Fonologia almeja a descrição da organização sistemática global dos sons da língua desse falante. (CAGLIARI, 2002, p. 18).

Por fim, podemos concluir que fonética e fonologia são ciências que caminham juntas e estudam os sons da língua e como eles são classificados nas palavras. Sendo assim, compreendemos que a fonética se dedica à transcrição das palavras por um método descritivo e, por outro lado, a fonologia detém a função que os fones apresentam na palavra, ou seja, a explicação.

2.1 A CIÊNCIA DA FONOESTILÍSTICA

A palavra estilo tem várias camadas semânticas e, principalmente, para os estudos da estilística, o léxico nos conduz a várias áreas de interpretação. Enquanto categoria da linguagem, podemos compreender o estilo, segundo Ferreira (2001), como:

Estilo – *sm.* 1. Modo de exprimir-se falando ou escrevendo. 2. Uso, costume. 3. A feição típica de um artista, uma escola artística, uma época, uma cultura etc. 4. Gênero, qualidade, espécie. 5. Maneira de tratar, de viver, procedimento, conduta, modos. 6. Maneira ou traço pessoal no agir, na prática de um esporte, na dança etc. (FERREIRA, 2001, p. 295).

O filólogo Houaiss (2004, p. 314) afirma que a palavra estilo é a “1. Maneira particular de se expressar, de se vestir etc. 2. Elegância (*pessoa sem e*) deselegância. 3. Conjunto de características formais, que identificam uma obra, um artista etc. 4. Haste com que os antigos escreviam em tábuas cobertas de cera”. O vocábulo estilo, portanto, sugere múltiplas definições.

De acordo com a etimologia da palavra, o gramático Azeredo (2008, p. 478) discorre que o termo estilo “deriva do latim *stilus*, ‘haste de planta’, ‘ferro pontudo com que os antigos escreviam nas tábuas enceradas’, ‘maneira ou arte de escrever, de falar’” e, nesse sentido, cotejando as definições levantadas pelos filólogos Houaiss (2004) e Ferreira (2001), o termo estilo é um obstáculo no campo da estilística, haja vista a diversidade de acepções postas à palavra.

Nessa esteira, Monteiro (1991) aponta três linhas de pensamento distintas para solucionar o problema do conceito de estilo, conforme as seguintes definições:

- a) conjunto de traços característico da personalidade de um escritor (estilo como idiossincrasia);
- b) tudo aquilo que contribui para tornar reconhecível o que alguém escreve (estilo como técnica de exposição);
- c) realizações plenas de uma significação universal em uma expressão pessoal e particular (estilo como realização literária). (MONTEIRO, 1991, p. 9).

É notório, após a exposição do termo, que, ao longo da história, este conceito ganhou várias formas e modos que foram impressos no decorrer da evolução do homem, seja de forma particular, seja de forma coletiva. Em outras palavras, há estilo para tudo que o homem criou, por exemplo, para roupas, sapatos, pintura, literatura, entre outros. No campo composicional dos gêneros, o estilo se encontra na forma de como podemos distinguir uma página de jornal que fala sobre horóscopo de uma que enuncia um boletim meteorológico.

Nessa linha argumentativa de pensamento, podemos conceituar o estilo conforme o que pontua Azeredo (2008, p. 478), isto é, como “o conjunto de traços de linguagem que conferem uma expressão distintiva e peculiar aos textos de um autor, de uma época, de uma tendência estética ou de um dado gênero de composição”. É nesse sentido que podemos afirmar que uma língua pode expressar, a partir de um repositório morfológico, sintático, semântico e fônico, os sentimentos e as emoções extraídas de um discurso. Guerra da Cal (1969), ao conceituar estilo, expressa que:

Ter um estilo não é possuir uma técnica de linguagem, mas principalmente ter uma visão própria do mundo e haver encontrado uma forma adequada para expressar paisagem interior. As palavras são, pois, alguma coisa mais que o vínculo de comunicação através do qual o artista nos transmite sua mensagem. Por trás dela implícita, misteriosamente presente, está sua visão total da realidade, sua atitude vital, sua concepção subjetiva do mundo, sua maneira particular de simplificá-la, de transformá-lo, adaptando-o à sua personalidade; sua maneira de sentir o mundo, de ‘pensá-lo’, poderíamos dizer. Sob estilo verbal está a síntese intransferível das reações intelectivas e emocionais que a realidade provoca no escritor. (GUERRA DA CAL, 1969, p. 51).

O autor propõe que o estilo é um ato individual de expressão que busca um efeito de sentido no nível da comunicação. Logo, para Azeredo (2008, p. 479), o estilo se classifica como o “conjunto dos recursos idiomáticos que estruturam expressivamente a mensagem em função de seu rendimento semântico”. Assim, podemos entender que a estilística não se restringe apenas ao estudo do discurso, mas explora o estilo de uma língua centrada na expressividade.

A estilística, enquanto ciência da linguagem, tem seu construto teórico no foco do sentido, pois ela é responsável pelos recursos estéticos e expressivos que contém uma língua, possuindo, assim, um caráter complexo que abrange várias linhas de estudos, a partir da cartela semântica que o estilo marca as escolhas de expressões do falante, seja na língua oral, seja na língua escrita.

Desse modo, esta ciência baseia-se na premissa do texto enquanto evento comunicativo, modelado por significados e escolhas lexicais, as quais podemos destacar: de ordem gramatical, vocabular, gráfica, fônica e rítmica feita pelo sujeito produtor de sentido. Dessa forma, o objeto de pesquisa da estilística é o estudo do estilo a partir dos artifícios da comunicação de cunho afetivo e/ou expressivo.

Ressaltamos, ainda, que a estilística é uma teoria construída a partir do modo pelo qual o sentido é expressivamente construído na composição textual, como destaca Azeredo (2008), ao argumentar que:

a estilística focaliza, portanto, a forma do enunciado. Os recursos verbais – sons, formas e construções – que interessam à investigação estilística são, especialmente, aqueles que retêm a atenção do interlocutor pela maneira singular com que realizam a tarefa de exprimir sentimento. (AZEREDO, 2008, p. 480).

A estilística surge, pois, entre dois caminhos: o da linguística e o da literatura, tendo em vista que, nesse campo, a discussão centra-se na análise literária, nos estilos de época e no estilo de linguagem de cada autor ao criar o gênero literário. Já no âmbito linguístico, ponto de investigação deste artigo, a estilística foca suas pesquisas nos campos: a) morfológico; b) sintático; c) semântico; d) fônico.

Como elucida Azeredo (2008, p. 480), “o objeto da linguística são os mecanismos formais sistemáticos que os falantes de uma língua empregam para exprimir e comunicar significados”. Portanto, todo evento sociocomunicativo, em forma de texto, tem uma roupagem para enunciar o seu conteúdo temático que seria a estratégia condutora de efeito de sentido.

Partindo desse enfoque, podemos classificar a estilística em estilística do som – fonostilística - e da palavra - estilística do léxico- e, desse modo, para Martins (1997), a

fonoestilística trabalha com os valores expressivos de natureza sonora, observados nas palavras, a partir das funções emotiva e poética.

Para Bechara (2009, p. 618), “a estilística fônica procura indagar o emprego do valor expressivo dos sons: a harmonia imitativa, no amplo sentido do termo”. Entendemos, portanto, a importância de quaisquer que sejam os elementos sonoros de uma palavra, desde a expressividade de uma vogal, passando pelo som macio sugerido por uma consoante, até a entonação do falante que possa sugerir e exprimir estados emotivos e poéticos.

No cenário linguístico brasileiro, podemos destacar os autores Silveira Bueno (1964), Joaquim Mattoso Câmara Júnior (1978), José Lemos Monteiro (1991) e Nilce Sant’Anna Martins (1997), que se dedicaram aos estudos da emoção e da expressividade sonora das palavras em língua portuguesa. O linguista Bueno (1964), ao definir os aspectos sonoros da língua, evidencia que:

O aspecto sonoro de uma língua, seja qual for, é o que mais vivamente nos impressiona. Ainda quando não conhecemos tal ou tal idioma, ao ouvi-lo falar, imediatamente, fazemos o nosso juízo estético, segundo nos soam as palavras, segundo seu aspecto sonoro. O estilista, embora escrevendo, está sob o domínio da construção fonética dos termos que emprega porque, ainda quando silenciosamente compõe a sua página, o seu livro, o seu artigo de jornal, está ouvindo mentalmente os vocábulos que a pena vai debuxando no papel. (BUENO, 1964, p. 62).

Sob essa perspectiva, Câmara Júnior (1978) afirma que cabe à estilística fônica apreciar o caráter espontâneo e expressivo das vogais e das consoantes, ressaltando que:

À estilística fônica portuguesa cabe apreciar o caráter espontâneo expressivo das nossas vogais e consoantes, e neste particular são aproveitáveis os testemunhos colhidos em outras línguas a respeito dos sons da fala análogos aos nossos. O critério acústico em fonética – ao contrário do articulatorio, que mais diretamente rege os estudos modernos nessa disciplina -, tem sido levado, por propósitos de nomenclatura principalmente, a ponderar a impressão auditiva que tende a despertar um fonema. (CÂMARA JÚNIOR, 1978, p. 38).

Seguindo essa premissa, Monteiro (1991) argumenta que os sons vocálicos da língua portuguesa se intensificam a partir de sugestões visuais, tais como a forma e a cor, e os traços afetivos que delas decorrem, enquanto os sons consonantais são de naturezas auditivas, cinéticas e táteis. Por outro lado, Câmara Júnior (1978, p. 29) explica que “os traços estilísticos revelam estados d’alma e impulsos da vontade, latentes na enunciação das palavras, e, nesta base, distinguem como duas ou mais enunciações o que é uma palavra única pelo prisma representativo”.

Seguindo essa ótica, Câmara Júnior (1978) argui que a fonoestilística trabalha com traços fonéticos, que têm um valor simbólico que os definem dos grupos fonêmicos, pois, de acordo com Martins (1997, p. 26), “os sons da língua podem provocar-nos uma sensação de agrado ou desagrado e ainda sugerir ideias, impressões”. Nesse sentido, os sons vocálicos e consonantais podem sugerir ideias e impressões, expressar sentimentos que podem ora provocar sensações de conforto, ora provocar desconforto.

3 A GRAMÁTICA EM TEXTOS E OS ASPECTOS FONOESTILÍSTICOS

Conforme apresentado anteriormente, a estilística é uma linha de estudo que se dedica ao estilo que uma obra ou um gênero textual possui e que passou a ocupar o pensamento da humanidade desde os filósofos gregos, tais como Platão e Aristóteles. Um exemplo da dedicação ao estudo de obras e de textos pautados no estilo é a categorização platônica dos gêneros literários de acordo com as suas especificidades: épico, lírico e dramático. Contudo, a estilística se constitui como disciplina apenas no século XX, embora fosse aplicada desde o século anterior.

Assim, com o passar do tempo e a consolidação dos estudos acerca do estilo – que levou à criação da disciplina Estilística –, ampliaram e passaram a abarcar tanto o âmbito

da literatura quanto o da linguística, passando também a dar conta das variedades da língua. Nesse âmbito, seguimos as considerações de Martins (1997), que segmenta a estilística de acordo com o som, a palavra, a frase e a enunciação. Ressaltamos aqui a expressividade dos sons por meio da articulação dos fonemas e prosodemas, que não ocorre de forma arbitrária ao significado das palavras, frases e/ou enunciados.

Associado a esse fato, destacamos que o ensino do português brasileiro nas escolas de ensino fundamental e médio, nas esferas pública e privada, vem, nos últimos anos, dando um breve enfoque à fonética, pois, de acordo com os documentos parametrizadores educacionais – Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (1997) e Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018) –, o caráter prescritivo dos currículos e as relações de poder que os envolvem fazem com que a sua implementação seja, muitas vezes, esquecida dos currículos.

Por outro lado, é importante que os estudantes de Letras tenham conhecimento da fonética e da fonologia e domínio sobre essas ciências, uma vez que serão os futuros professores de português e, assim, possam criar um raciocínio linguístico para os seus futuros alunos, para quando, por exemplo, estes cometerem determinados desvios de ordem ortográfica, poderem ter uma explicação não negligenciada pelo profissional.

Este estudo restringe-se a analisar e a refletir sobre o uso da fonética e da fonologia, mais especificamente sobre a fonoestilística na obra *Gramática em Textos* (2012), de Leila Laura Sarmiento, de volume único, adotada no Ensino Médio. Ela está estruturada em cinco partes, identificadas por cores diferentes, e contém 29 capítulos, com exposição teórica sucinta, além de muitos exercícios de aplicação. Ao final da gramática, há um índice de conteúdos de A a Z para facilitar a localização de assuntos específicos.

Como observamos, os conteúdos gramaticais são introduzidos sempre com base em textos de diferentes gêneros discursivos e, logo após, há uma exposição dos conteúdos

teóricos, com a utilização de muitos exemplos e uma aplicação imediata por meio de exercícios variados.

Quadro 3: Conteúdo da Parte 2- Fonologia e ortografia

Parte 2 – Fonologia e ortografia		
Capítulo	Assuntos	Textos para leitura e análise
4 Fonologia	<ul style="list-style-type: none"> - Fonema e letra - Classificação dos fonemas: vogais, semivogais e consoantes, classificação das vogais - Encontros vocálicos - Encontros consonantais e dígrafos - Sílabas - Ortoépia e prosódia 	<ul style="list-style-type: none"> - Poema "A onda", de Manuel Bandeira - Tira da Mafalda - Poema "Exausto", de Adélia Prado - Poema "XI", de Fernando Pessoa - Poema "Epitáfio para um banqueiro", de José Paulo Paes —
5 Ortografia	<ul style="list-style-type: none"> - Introdução - Alfabeto - Acentuação gráfica: palavras oxítonas, palavras paroxítonas, palavras proparoxítonas, hiatos, acento diferencial, verbos <i>ter</i> e <i>vir</i> - Emprego do hífen - Emprego de <i>por que</i>, <i>por quê</i>, <i>porque</i> e <i>porquê</i> - Palavras homônimas: homófonas heterógrafas, homógrafas heterofônicas, homógrafas homófonas - Palavras parônimas - Formas variantes 	<ul style="list-style-type: none"> - Anúncio publicitário - Poema "O bicho alfabeto", de Paulo Leminski - Anúncio publicitário - Tira do Calvin - Anúncio publicitário - Tira do Hagar — —

Fonte: Sarmiento (2012, p. 10).

Como é possível verificar no Quadro 03, os textos e os conteúdos a serem percorridos na gramática *corpus* de nossa análise atravessam os traços fonéticos e a diversidade do português brasileiro e de comunidades dos usuários da língua ao tratar dos textos, como também as questões da aplicabilidade do assunto que será visto na gramática. No quadro acima, no que concerne aos “assuntos”, verificamos que a autora coloca como os conteúdos devem ser trabalhados, em ordem cronológica, em sala de aula, para que o discente possa compreender como cada um dos assuntos a serem estudados estão inter-relacionados, cabendo, assim, ao professor promover diálogos entre a teoria e a prática, por meio da análise dos textos disponíveis no mesmo capítulo da obra.

Considerando os aspectos mencionados, a *Gramática em Textos* (2012), de Leila Lauer Sarmiento, adequa-se aos conteúdos próprios de uma abordagem linguística sobre os temas de traços segmentais consonantais, vocálicos e elementos prosódicos, sobre o aspecto da diversidade linguística do falar do português brasileiro e com base nos pressupostos teóricos de Callou e Leite (2009) e de Silva (2021). Mas também, por se

tratar de uma gramática pedagógica, ela ancora seus dizeres em Azeredo (2008) e em Bechara (2009), conforme apresenta as indicações e sugestões no Manual do Professor.

Dando continuidade à análise, verificamos, ainda, que foram abordados vários assuntos que estão relacionados à fonética, como nas páginas descritas a seguir: na página 83, a apresentação dos conceitos de fonética e fonologia a partir do poema “A onda”, de Manuel Bandeira, e da tirinha da “Mafalda”; nas páginas 85 e 86, a classificação dos fonemas, isto é, vogais, semivogais e consoantes, e a classificação das vogais; na página 90, os encontros vocálicos; na página 91, a apresentação do texto “XI”, de Fernando Pessoa, com o intuito de explorar os encontros consonantais, os dígrafos e as sílabas; na página 99, porém, o conteúdo de prosódia e ortoépia é trabalhado de forma tradicional, dissociado do texto, já que a proposta da gramática é o uso do texto em função da gramática, sob a concepção dos traços fônicos distintivos da fala caipira e/ou de base rural, com a variação institucional e/ou urbana, levando-se em conta um enfoque contrastivo.

Além disso, vale ressaltar que trabalhar a consciência fonológica, que é a habilidade de refletir sobre os segmentos sonoros das palavras, é imprescindível e está em consonância com o documento parametrizador da educação, a BNCC, que afirma:

conhecer a “mecânica” ou o funcionamento da escrita alfabética para ler e escrever significa, principalmente, perceber as relações bastante complexas que se estabelecem entre os sons da fala (fonemas) e as letras da escrita (grafemas), o que envolve consciência fonológica da linguagem: perceber seus sons, como se separam e se juntam em novas palavras, etc. (BRASIL, 2018, p. 88).

Como é possível perceber, ainda em nossa análise, o conhecimento de ortografia é introduzido na página 101, com um texto publicitário, apenas para chamar a atenção do aluno, porém, não apresenta caráter interpretativo; na página 103, a discussão sobre o alfabeto parte do gênero poema, neste caso, o poema “O bicho alfabético”, de Paulo Leminski (seria sugestivo que a autora enfocasse, a partir da leitura oral, a tonicidade das

sílabas, mas vemos apenas os aspectos gramaticais do poema e, nas questões propostas, ela tenta usar o conceito dos pares mínimos, mas sem explicação prévia das distinções fônicas entre fonema e alofone, que se distinguem apenas por um som).

Desse modo, ao tratar da acentuação gráfica, nas páginas de 105 a 111, Sarmento (2012) utiliza-se de gêneros discursivos, como o anúncio publicitário e a tira de Hagar e Calvin, mas apropria-se de regras apenas normativas para explicar os fenômenos fonéticos. Tendo em vista a grande variedade de situações de uso social da linguagem, a autora propõe fazer um recorte de como seria a maneira de ensinar na pós-modernidade a partir dos gêneros do discurso.

Como é possível verificar, a proposta de Sarmento (2012) é direcionada ao foco da exploração de textos das esferas discursiva e artística, que compreendem a literária e a arte plástica, a jornalística e a publicitária. A autora, embora reconheça que a língua se encontra organizada por um sistema de regras fonológicas, sintáticas, lexicais etc., não considera a aplicação teórica sugerida no Manual do Professor para a realização de aulas mais dinâmicas e informativas. Em nossa concepção crítica, a *Gramática em Textos* (2012), de Leila Lauer Sarmento, passeia metaforicamente numa ponte que permeia os paradigmas normativos da língua e a questão discursiva de uso ao contemplar o tema fonética e fonologia.

Entendemos a importância dos referidos critérios para formação sociolinguística do falante de língua portuguesa, entretanto, Sarmento (2012) ora utiliza-se de textos, buscando ancorar suas explicações a partir deles, ora desenvolve sua gramática baseada apenas no emprego de normas.

Nesse percurso, destacamos a análise de uma atividade que exige do profissional de Letras um bom conhecimento no campo da estilística, para explicar com clareza os pontos iniciais que a gramática, *corpus* desta investigação, exige do profissional e, também, para

deixar mais nítido e coeso, aos estudantes do Ensino Médio, o uso de um estilo de uma nova gramática que se baseia em textos para proferir as normas a partir do seu uso.

A atividade selecionada baseia-se no poema “A Onda”, de Manuel Bandeira, e, já no início da seção – Fonema e letra –, a autora explica que é muito comum o trabalho com sons a partir de textos poéticos, “em que a exploração de elementos fônicos lhe dá significado expressivo” (SARMENTO, 2012, p. 82) e, logo ao lado desse enunciado, há um *box* digital para que o professor observe como trabalhar os conhecimentos desta seção, que se baseia nos estudos fonoestilísticos da linguagem. Observemos a Figura 1:

Figura 1: Conteúdo da Parte 2 – Fonema e letra

Capítulo 4 Fonologia

Fonema e letra

No texto

É comum o trabalho com os sons no texto poético, como no poema a seguir, de Manuel Bandeira (1886-1968), em que a exploração de elementos fônicos lhe dá significado expressivo.

A onda

A ONDA
 a onda anda
 aonde anda
 a onda?
 a onda ainda
 ainda onda
 ainda anda
 aonde?
 aonde?
 a onda a onda

ANIMAÇÕES em aula Mapa 1

Biblioteca do estudante Apêndice Fonemas

12

1. Nesse poema, a sonoridade foi explorada com a repetição, principalmente, de que vogais e consoantes? Que efeito esse recurso produz no texto?

2. Há, nos versos, uma alternância constante com a repetição da vogal oral e da vogal nasal, o que dá ritmo ao poema. Selecione algumas dessas vogais nos dois primeiros versos e marque as nasais e as orais.

3. A vogal oral *a* é mais aberta e átona, ao passo que a vogal nasal *(an)* é fechada e tônica. Releia o poema e responda: com que objetivo o poeta criou essa composição sonora?

4. Quais são as figuras de linguagem que trabalham a repetição de sons vocálicos e de sons consonantais em um verso ou poema? Se necessário, pesquise.

5. Na construção do poema, o que o emprego do ponto de interrogação sugere em alguns versos?

© do texto de Manuel Bandeira, do Condomínio dos Proprietários dos Direitos Intelectuais de Manuel Bandeira. (In: Estrela da vida inteira – Editora Nova Fronteira). Direitos cedidos por Solombra – Agência Literária (solombra@solombra.org).

Fonte: Sarmiento (2012, p. 82).

A partir das observações feitas na atividade, constatamos que esta seção introdutória está relacionada ao ensino de fonética articulatória e tem a finalidade de vinculá-la à gramática, uma vez que se concentra em aspectos de definição dos termos

vogais e consoantes. Por meio da disposição do poema nas páginas do livro, o discente tem acesso à sua construção, que remete ao elemento que dá nome ao poema, por meio dos movimentos de ir e vir.

Além da imagem visual observada no poema, há também a imagem sonora que o mesmo evoca através do emprego das palavras, as quais se repetem em um movimento contínuo de ir e vir, conforme a própria onda o faz, o que é reforçado por meio da repetição de palavras: “a onda anda / aonde anda / a onda?”. Desse modo, a imagem da onda, que dá nome ao poema, é reforçada por meio da disposição dos vocábulos no texto, que promove a união das vogais ao fonema /n/. Nisso, a “ressonância nasal torna as vogais aptas a [...] sugerir [...] moleza, lentidão” (MARTINS, 1997, p. 32-33). Tal lentidão, evocada pela união do som vocálico ao nasal, remete ao retorno da água do mar, em seu constante e ininterrupto ir e vir *ad infinitum*, após quebrar na praia.

No que concerne a este fato, salientamos que tal imagem é substancialmente aguçada pelo leitor por intermédio dos fonemas. Assim, verificamos como a fonoestilística e o conhecimento dela se constituem um elemento primordial para auxiliar o professor em sua prática docente, com vistas a fazer da análise de gêneros textuais uma atividade que faça sentido ao discente, haja vista que a compreensão do texto ultrapassa as fronteiras dos significados das palavras ao ser transladada por meio de sons e imagens que compõem o arsenal criativo do imaginário do aluno ao estimular as suas potencialidades interpretativas.

Ademais, o movimento da onda, que é explorado através da escolha das palavras, encontra expressividade sonora nelas, o que ajudará na compreensão do próprio poema. A composição fônica delas constitui-se pela reiteração de sons nasais por meio do fonema /n/, formando sons anasalados nos vocábulos “onda”, “anda” e “ainda”, o que traz leveza ao poema. Em consonância com o pensamento de Martins (1997, p. 37), salientamos que o som expresso pelo fonema /n/ evoca “suavidade, doçura e delicadeza”. Entretanto, a

presença do fonema oclusivo alveolar vozeado /d/ traz força ao som que, juntamente ao som vocálico /a/, remete ao barulho da onda que apresenta momentos de um leve ruído seguido de uma explosão.

Assim, a estética da expressividade sonora do poema constitui-se de uma constante reiteração da imagem da onda, seja ela acústica, seja visual, através da disposição das palavras para a construção do enunciado, bem como do reforço ao significado das palavras, por meio da construção sonora que elas apresentam. Dessa maneira, compreender como e onde os sons são produzidos, assim como o vozeamento ou o desvozeamento dos fonemas, contribui para a apreensão da própria língua e para a interpretação textual, pois detectará que as escolhas lexicais não ocorrem de forma aleatória, como no caso do poema “A onda”.

Tal discussão pode ser observada na forma com que a autora conduz o questionamento após a apresentação do texto. A expressividade da sonoridade dos fonemas auxilia também a consciência fonológica, que é ativada ao longo do poema através da manipulação das estruturas fonéticas. Por sua vez, as questões são fortemente marcadas pela sonoridade das palavras que serão analisadas, como vemos na Figura 2, logo abaixo:

Figura 2: Conteúdo da Parte 2 – Questões

1. Nesse poema, a sonoridade foi explorada com a repetição, principalmente, de que vogais e consoantes? Que efeito esse recurso produz no texto?
2. Há, nos versos, uma alternância constante com a repetição da vogal oral e da vogal nasal, o que dá ritmo ao poema. Selecione algumas dessas vogais nos dois primeiros versos e marque as nasais e as orais.
3. A vogal oral *a* é mais aberta e átona, ao passo que a vogal nasal *a* (*an*) é fechada e tônica. Releia o poema e responda: com que objetivo o poeta criou essa composição sonora?
4. Quais são as figuras de linguagem que trabalham a repetição de sons vocálicos e de sons consonantais em um verso ou poema? Se necessário, pesquise.
5. Na construção do poema, o que o emprego do ponto de interrogação sugere em alguns versos?

Fonte: Sarmiento. (2012, p. 82).

É interessante observar que o questionamento 1 (um) leva-nos a apontar o processo de repetição da vogal /ã/ e /õ/ e da consoante /d/ e, logo, o efeito de sentido que elas

produzem no texto. Podemos compreender que a autora, a partir do Manual do Professor, sugere que seja trabalhada a presença do estilo do autor nos gêneros líricos. Por outro lado, entendemos que a ciência da estilística se dedica a essa área de conhecimento, como explicamos em seção anterior neste artigo, e, portanto, o profissional de Letras deveria ter um conhecimento da estilística fônica para explicar aos alunos, já que é uma gramática de texto para o uso. Nos enunciados 2 (dois) e 3 (três), é solicitada a interpretação dessas palavras.

Além disso, para que o aluno possa dar conta, de forma razoavelmente produtiva, das atividades propostas, ele precisa ter conhecimento mínimo das especificidades dos conceitos fonéticos sobre vogais orais, nasais, abertas e átonas e consoantes, para realização de uma atividade coerente. Outro fator que destacamos, em nossa análise, é o fator expressivo poético e fônico que o poema traz ao ser lido, pois, conforme Câmara Júnior (1978, p. 32), “a leitura silenciosa ou em voz alta recria esses efeitos pela obediência aos alongamentos expressivos que do texto espontaneamente emergem”.

Para um melhor entendimento, a seção em análise deveria compreender que o objetivo da fonética e da fonologia se centra no ensino da língua materna, além de fornecer um esquema que facilite a percepção sobre o funcionamento da língua. Assim, a fonoestilística seria o caminho inicial de entrada para a realização de uma atividade coerente, pois o profissional da língua partiria da expressividade estilística para chegar aos fonemas. Desse modo, ao explorar o texto poético, estaria também explicando o campo semântico das escolhas lexicais, rítmicas e fonéticas que o autor teve no ato de se comunicar poeticamente.

Portanto, para Martins (1997, p. 29), a vogal /a/ é “o fonema mais sonoro, mais livre, de todo o nosso sistema fonológico [...], traduz sons fortes, nítidos e reforça a impressão auditiva das consoantes que acompanha”. Conforme a autora, a expressividade

dessa vogal recai no campo semântico que sugere claridade e brancura, como nas palavras “alvorada”, “prata”, “clara”; amplitude, por exemplo, “mar”, “vasto”, “imensidade”; e sentimentos positivos, como “felicidade”, “paz” e “tranquilidade”.

Por outro lado, a vogal /o/ é classificada como vogal posterior, média e arredondada e pode sugerir ruídos surdos, por exemplo, “estrondo”, “estouro” e “bomba”; de formas arredondadas, temos como exemplo “globo”, “ovo” e “redondo”. De acordo com Bueno (1964, p. 77), “a vogal /o/ indica opulência, grandeza, majestade, mas também calor, mormaço”. Conforme o esquema elaborado por Monteiro (1991), ao resumir a expressividade dos fonemas consonantais da língua portuguesa, os fonemas /t/ e /d/ expressam ruídos secos e violentos e são de sensações auditivas.

A esse respeito, Martins (1997) pontua que os sons vocálicos e consonantais podem sugerir ideias e impressões emocionais que expressam sentimentos e podem provocar sensações de agrado, ou mesmo, desagradáveis. É nessa linha de pensamento crítico que a expressividade sonora de uma palavra é usada de forma intencional pelo autor na construção do seu texto.

Desse modo, podemos compreender que os fonemas da língua portuguesa nos oferecem inúmeras possibilidades expressivas e emotivas, sugerindo, assim, os mais variados sentimentos, impressões, sons, expressões e formas da nossa psique. Logo, entendemos a importância dos estudos da estilística e, em especial, da fonoestilística, pois ela nos oferece um conhecimento da expressividade fônica que cada palavra possui e, mais ainda, o quanto é importante adquirir este conhecimento para a prática de sala de aula, que é uma das chaves para a interpretação e a compreensão de textos literários, principalmente aqueles do gênero lírico, como no caso do poema analisado, a partir da seção Fonema e letra (SARMENTO, 2012, p. 82).

A nossa preocupação centra-se em questões relativas à formação de professores, que deve partir de uma reflexão sobre como é possível tratar com qualidade os conteúdos mais específicos que o livro didático possa abordar em se tratando do tema fonética na sala de aula, com base na gramática, foco de nossa análise, e sob o enfoque da diversidade estilística dos traços fônicos e prosódicos do português brasileiro. Assim, vemos uma necessidade, do ponto de vista pedagógico, da ampliação desses conceitos para depois trabalharmos as particularidades da língua, já que cada falante tem seu estilo de fala, seja na forma oral, seja na forma escrita.

A seção em análise da *Gramática em Textos* destaca claramente essa relação da fonética com a estilística, pois o estilo que o autor utiliza baseia-se nas escolhas lexicais, gráficas, rítmicas e fonéticas na construção da materialidade do texto, acrescentando, ainda, movimentos que expressam semanticamente características afetivas e, também, emocionais e não deixando de lado a estrutura da ressonância nasal das vogais e consoantes para criar o som melódico das ondas do mar.

4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Na análise realizada neste artigo, observamos que *Gramática em Textos* (2012), de Leila Lauer Sarmiento, sempre introduz o estudo dos conteúdos gramaticais por intermédio de um texto, já que esta é a proposta de sua gramática. Apesar de propor algumas atividades de gramática reflexiva e de uso na materialidade textual, a autora ainda apresenta, mesmo que com pouca frequência, atividades com ênfase na gramática normativa.

Nessa direção, compreendemos a importância do material para uma aprendizagem situada e como ferramenta de subsídio para o trabalho do professor. Vale lembrar ainda

que, a partir destas reflexões sobre o estudo da fonética e da fonologia na *Gramática em Textos* (2012), de Leila Lauar Sarmiento, direcionada ao ensino médio, constatamos que, neste campo da linguística, algumas mudanças já ocorreram, principalmente no tocante à fonoestilística, que não é explorada em todos os materiais didáticos, contudo, para a gramática *corpus* é um avanço, mas não se pode considerar que se constitui, de fato, num avanço tão qualitativo, pois, com base no documento parametrizador BNCC (2018), o ensino de fonética e fonologia envolve uma consciência fonológica da linguagem complexa.

Ressaltamos, portanto, a necessidade de conceitos que traduzam melhor a compreensão dos assuntos que se referem à fonética e à fonologia. Devemos, ainda, lembrar que o professor necessita conduzir o processo de ensino-aprendizagem em sala de aula com uma metodologia que dê conta de todas as particularidades que a gramática possa oferecer, procurando, assim, estabelecer uma relação entre os textos e as atividades propostas ao assunto.

A partir dessas constatações, afirmamos a necessidade de sugerirmos aos professores que se mantenham sempre atualizados e buscando outros subsídios para um ensino de qualidade, principalmente, em relação a conteúdos não tão privilegiados pelos livros didáticos, como no caso de fonética e fonologia em todas as séries do ensino básico. Esperamos que esta proposta possa contribuir com respostas para indagações existentes, assim como servir de fundamentação e provocação para outros trabalhos acadêmicos.

REFERÊNCIAS

AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2008.

BAGNO, Marcos. **Objeto língua**. São Paulo: Parábola, 2019.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 06 out. 2021.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)**. Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Terceiro e quarto ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf> . Acesso em: 04 out. 2021.

BUENO, Silveira. **Estilística brasileira**. São Paulo: Saraiva, 1964.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Análise Fonológica**: introdução à teoria e à prática. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Contribuição à estilística portuguesa**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

CASTILHO, Ataliba T. de; ELIAS, Vanda Maria. **Pequena Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. **Iniciação à Fonética e à Fonologia**. 11. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI**: o minidicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GUERRA DA CAL, Ernesto. **Língua e estilo de Eça de Queiros**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.

HOUAISS, Antônio. **Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. **Introdução à Estilística**: a expressividade na língua portuguesa. São Paulo: T. A. Queiroz, 1997.

MONTEIRO, José Lemos. **A estilística**. São Paulo: Ática, 1991.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

ROBERTO, Mikaela. **Fonologia, fonética e ensino**: guia introdutório. São Paulo: Parábola, 2016.

SARMENTO, Leila Lauar. **Gramática em textos**. São Paulo: Moderna, 2012.

SEARA, Izabel Christine; NUNES, Vanessa Gonzaga; LAZZAROTTO-VOLCÃO, Cristiane. **Para conhecer Fonética e fonologia do português brasileiro**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

SILVA, Thaís Cristófar. **Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2021.